

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA **MERCADO DE TRABALHO** 4º TRIMESTRE DE 2018

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan

Walter de Freitas Pinheiro

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI

Eliana Boaventura

Diretoria de Pesquisas – Dipeq

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação Editorial

Armando Affonso de Castro Neto

Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica

Armando Affonso de Castro Neto

Ana Maria de Sales Guerreiro

Luana Gabriela da Silva Rodrigues

Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos Santos

Luiz Fernando Araújo Lobo

Guillermo Javier Pedreira Etkin

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi Normalização

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Coordenação de Disseminação de Informações – Codin

Augusto Cezar Pereira Orrico

Coordenação de Produção Editorial

Editoria-geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo

Ludmila Nagamatsu

Revisão

Alcione Zanca

Editoração

Adir Filho

Projeto Gráfico

Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.

Cep: 41.745-002. Salvador(BA)

Tel.: (71) 3115 4822 / 3115 4786 Fax.: (71) 3116 1781

www.sei.ba.gov.br

sei@sei.ba.gov.br

4º TRIMESTRE DE 2018 **1**

CENÁRIO ECONÔMICO **1**

EMPREGOS FORMAIS **2**

MERCADO DE TRABALHO NA BAHIA SEGUNDO A PNAD CONTÍNUA **8**

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO A PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO **11**

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO **14**

Expectativa dos empresários baianos para o emprego **14**

Projeção do emprego formal **16**

NOTAS METODOLÓGICAS **18**

Pesquisa de confiança do empresariado baiano **18**

Projeções do mercado de trabalho formal **19**

4º TRIMESTRE DE 2018

Mais um ano e, ainda, a tão propalada retomada não aconteceu de fato. A reação, na medida necessária e desejada, mais uma vez, não se materializou. A atividade econômica, verdade, aqui e ali, vem demonstrando algum avanço e reduzindo um pouco mais sua apatia, mas o desempenho se qualifica como fraco a moderado no geral. Não há muito que possa servir de justificativa para comemorações e que fomente grandes expectativas. Em 2018, a economia padeceu de um maior dinamismo e revelou um vigor bem abaixo do esperado inicialmente pelo mercado.

Com a recuperação lenta da atividade econômica, o mercado de trabalho, por sua vez, não emplacou um processo de melhoria pujante e universal. Assim, mesmo que os últimos resultados permitam crer que o cenário conjuntural adverso tenha ficado para trás, ainda não se pode defender a ideia irrestrita de progresso sustentável e robusto. Agora, porém, diante da definição do processo eleitoral, que ajuda a diluir as incertezas, a crença num cenário mais promissor ficou fortalecida pelo menos no curto prazo.

A Bahia, como o Brasil, em termos de produto interno bruto, experimentou o segundo ano consecutivo de crescimento – entretanto, em magnitudes insuficientes para suplantar as perdas ocorridas em 2015 e 2016. No entanto, o fim da recessão não implicou, sequer, o retorno aos níveis pré-crise, quanto mais o início de um processo de retomada propriamente dito. Assim, como reflexo ao que tem sucedido no ambiente macroeconômico, que segue uma longa e tortuosa trilha de restauração, termina por faltar fôlego e vigor ao mercado de trabalho, que segue uma dinâmica própria, com movimentos retardados perante os ciclos econômicos.

As análises deste boletim, com foco na Bahia, debruçadas em dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Salvador (PEDRMS) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), revelam um relativo progresso da realidade laboral baiana ao longo do ano. Entretanto, apesar de indicar a recomposição de alguns indicadores, fica patente a necessidade de maiores avanços para se ter caracterizado uma recuperação ampla e enraizada. Portanto, o fim da recessão não implicou, necessariamente, o início de um processo de retomada e, muito menos, o retorno aos níveis pré-crise.

CENÁRIO ECONÔMICO

Nada fora do comum, mas com maior vitalidade: esse foi o cenário da economia baiana no último trimestre do ano passado. Entre as atividades econômicas, somente o setor de Serviços não emplacou um resultado animador no período – revertendo a perspectiva do terceiro trimestre e perpetuando a contração em 12 meses. O setor agropecuário, mesmo perante o bom desempenho de um ano antes, deve prosperar ainda mais em 2018. A Indústria, que despontou com resultado negativo ao final do terceiro trimestre, voltou a exibir fôlego. Além disso, ao interromper o movimento de retração, o setor de Comércio se realinhou com a trilha da recuperação.

De maneira efetiva, conforme Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de dezembro, a estimativa para a safra baiana de grãos de 2018 está denotando expansão de 16,8% em relação ao volume do

ano anterior, quando a produção totalizou quase 8,6 milhões de toneladas. A produção física de grãos, assim, deverá fechar o ano com quase 10,0 milhões de toneladas. Dessa forma, diante da expectativa de recuo de 1,2% da área colhida, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, deverá ampliar em 18,2%.

Em relação à indústria, de acordo com informações da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, a produção total baiana, de outubro a dezembro de 2018, foi ampliada em 2,7% frente ao registrado no mesmo intervalo de 2017 – emendando três altas seguidas nesta base de comparação desde o ligeiro revés identificado ao final do terceiro trimestre. O acréscimo no ritmo produtivo do setor ocorreu tanto na indústria extrativa, que avançou 8,9%, quanto na de transformação, onde houve aumento de 2,4%. No acumulado dos últimos 12 meses, o quadro foi de leve alta para o total da indústria, 0,8%.

O setor de Serviços voltou a encolher. Conforme a Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE, o volume de serviços prestados, acumulado entre outubro e dezembro de 2018, em relação ao valor observado nos mesmos meses de 2017, exibiu uma redução de 3,8% – terceira queda sucessiva na comparação interanual por trimestre móvel. No acumulado dos últimos 12 meses, a variação continuou negativa, com contração de 3,3%.

Relativamente à atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio do IBGE mostrou uma alteração positiva no volume de vendas do varejo baiano no quarto trimestre de 2018 no confronto interanual, de 1,5%. A comparação com o mesmo período de um ano antes, depois de sete recuos consecutivos, chegou ao terceiro aumento sucessivo. Entretanto, no acumulado de 12 meses, frente a igual intervalo imediatamente anterior, o indicador revelou leve queda, de 0,1% – isso após dez meses com resultado acima de zero e de ter chegado a apontar alta de 0,8%.

Por fim, as expectativas do empresariado local quanto ao futuro melhoraram desde a definição do processo eleitoral. Agora, ao final do quarto trimestre, a confiança se mostrou bem menos recrudescida, apesar do leve recuo em dezembro. Em novembro, por exemplo, registrou-se o melhor patamar desde abril de 2013. Segundo o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), calculado pela SEI, a confiança encerrou 2018 em níveis semelhantes ao do começo do ano e no terceiro melhor estágio dos últimos 12 meses. À vista disso, a dinâmica de redução do pessimismo no meio empresarial do estado, observada a partir de abril de 2016, quando o ICEB marcou -488 pontos, parece ter ganhado fôlego ao longo do último trimestre do ano (outubro: -73 pontos; novembro: zero ponto; e dezembro: -17 pontos). Assumindo um viés de alta, mas ainda indicando pessimismo moderado, os últimos resultados do ICEB ajudaram, desse modo, a minar a recente marcha de deterioração da confiança no meio empresarial baiano e contribuíram com o movimento mais amplo de resgate iniciado há mais de dois anos, permitindo crer novamente no retorno das expectativas positivas num futuro bem próximo.

EMPREGOS FORMAIS

Na Bahia, ao final de 2018, contabilizam-se 13 meses seguidos com saldo positivo de empregos formais sob o cálculo de médias móveis de 12 meses¹ – ainda menor que o intervalo imediatamente antecedente de 33 meses ininterruptos sem surgimento líquido de oportunidades ocupacionais.

¹ Ao longo do texto, o termo emprego formal se refere à relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Afora a descaída no início do segundo trimestre, próprio de um solavanco momentâneo, a trajetória de resultados positivos tem sido crescente. Em dezembro, o saldo atingiu o maior patamar dos últimos 49 meses, uma geração média de 2.385 postos – resultado que serve de amparo ao discurso de recuperação (Gráfico 1).

No longo prazo, desde o pior momento da conjuntura recente, quando da perda líquida de 7.384 postos em junho de 2016, o mercado de trabalho baiano vem seguindo um itinerário paulatino de reabilitação – evidenciando ter relegado ao passado os momentos mais críticos. No entanto, o percurso tem sido vagaroso e nem sempre contínuo. Além do mais, o processo de regeneração tem se revelado muito mais lento que o de deterioração recente. Portanto, mesmo superado o ciclo de contração e perante manifesto progresso, o mercado de trabalho local ainda requer um dinamismo bem mais atlético para o resgate dos tempos áureos ou mesmo para neutralizar as perdas líquidas ocorridas há pouco tempo.

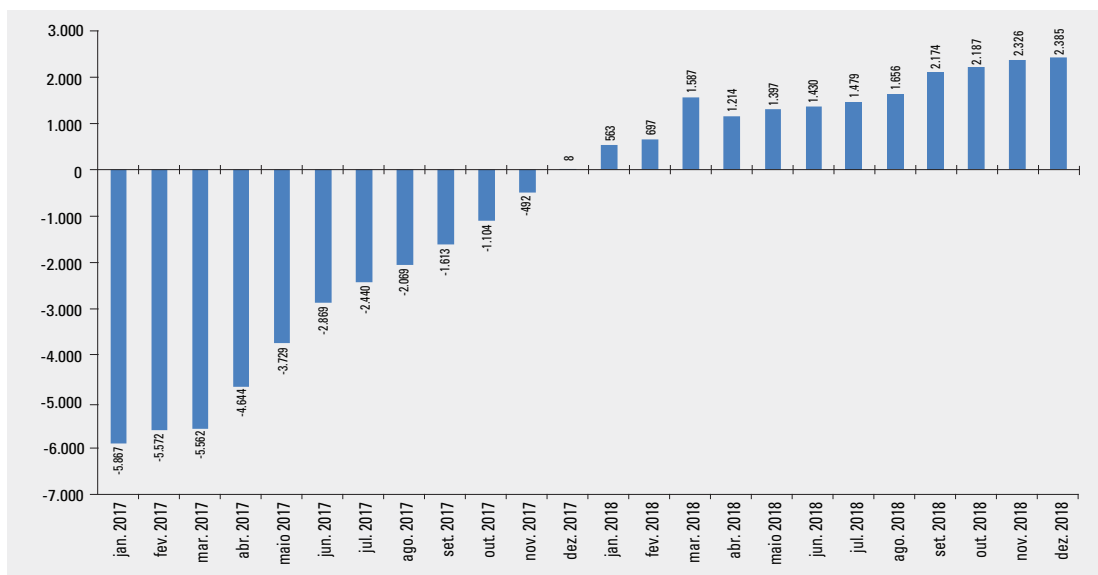


Gráfico 1
Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de doze meses – Bahia – Jan. 2017-dez. 2018

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Em 2018, ao todo, foram gerados 28.621 novos postos de trabalho na Bahia, o que representou uma elevação de 1,7% no contingente de 1.654.990 empregos com carteira assinada existente ao final do ano imediatamente antecedente. Esse resultado acumulado se mostrou inúmeras vezes maior que o obtido de janeiro a dezembro de 2017, de apenas 100 novos postos. No entanto, mesmo com o segundo saldo anual positivo seguido, ainda falta muito para compensar as perdas dos anos de crise, quando quase 150 mil postos celetistas foram encerrados – especificamente, 76.090 e 73.067 postos em 2015 e 2016, respectivamente.

Em termos trimestrais, os últimos três meses erigiram outro quarto trimestre típico na Bahia, pelo menos desde 2010. O derradeiro trimestre de 2018, portanto, foi mais um marcado pelo recuo da ocupação no estado. Por outro lado, a eclosão líquida de empregos formais no mercado de trabalho baiano foi realidade nos três trimestres iniciais do ano, fato que não acontecia desde 2014.

O encerramento líquido de 9.519 vagas no quarto trimestre ficou abaixo do verificado no mesmo intervalo do ano anterior, quando 12.051 postos foram eliminados (Gráfico 2) – o que representou o melhor resultado para um quarto trimestre desde 2013. Apenas o mês de dezembro testemunhou queda do nível de emprego no referido trimestre – diferentemente do ocorrido um ano antes, quando novembro também ficou com saldo negativo. Enquanto em dezembro de 2018 ocorreu supressão líquida de 11.705 vagas, nos meses de outubro e novembro houve geração de 1.081 e 1.105 novos postos, respectivamente. No ano, apenas junho e dezembro apresentaram revés, com 1.397 e 11.705 postos eliminados, respectivamente.

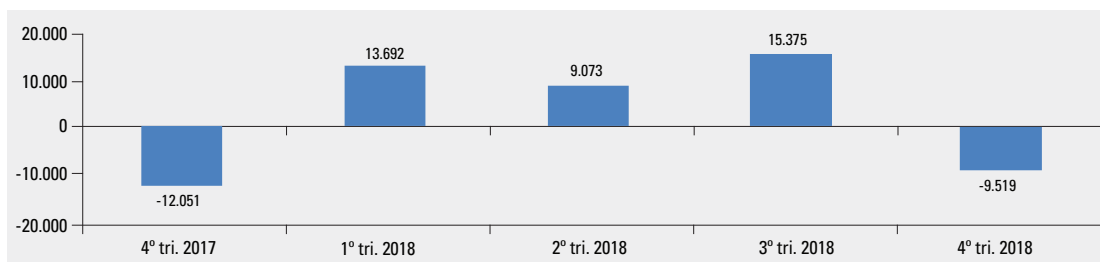


Gráfico 2

Evolução do saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 4º tri. 2017-4º tri. 2018

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

O encolhimento do mercado de trabalho formal baiano no quarto trimestre não atingiu todos os estratos setoriais, já que em quatro houve surgimento líquido de postos. Nesse aspecto, a situação da ocasião se revelou mais favorável que a do mesmo trimestre do ano anterior, quando apenas dois setores haviam aberto mais postos que fechado. Além do mais, agora, seis das oito atividades exibiram um desempenho melhor (Extrativa Mineral, Indústria de Transformação, Serviços Industriais de Utilidade Pública, Construção Civil, Serviços e Administração Pública). No trimestre imediatamente antecedente, por outro lado, seis setores haviam apontado saldo positivo de empregos celetistas.

Em uma avaliação setorial, Comércio e Serviços, com geração líquida de 4.787 e 1.039 postos de trabalho no quarto trimestre de 2018, respectivamente, destacaram-se com os desempenhos mais proeminentes. Em contrapartida, conforme se pode acompanhar pela Tabela 1, os setores de Agropecuária (-8.320 postos), Construção Civil (-3.429 postos) e Indústria de Transformação (-3.287 postos) foram os de maior dispensa líquida de trabalhadores no citado intervalo na Bahia.

Tabela 1

Saldo de empregos formais por setor de atividade econômica, por trimestre – Bahia – 4º tri. 2017/3º tri. 2018/4º tri. 2018

Sector de atividade econômica	4º tri. 2017	3º tri. 2018	4º tri. 2018
Extrativa Mineral	-33	510	70
Indústria de Transformação	-4.052	2.308	-3.287
Serviços Industriais de Utilidade Pública	7	265	475
Construção Civil	-5.060	3.045	-3.429
Comércio	5.131	312	4.787
Serviços	-521	9.739	1.039
Administração Pública	-1.380	-32	-854
Agropecuária, Ext. Vegetal, Caça e Pesca	-6.143	-772	-8.320
Total	-12.051	15.375	-9.519

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

O saldo de empregos com carteira assinada também foi negativo para o país no quarto trimestre de 2018, com 212.887 postos a menos. Além do mais, vale ressaltar, todas as regiões suprimiram postos de trabalho. O Norte, com perda líquida de 10.052 empregos celetistas, foi a localidade que menos fechou postos. O Sudeste, por sua vez, com fechamento de 114.318 vagas, a que mais desativou. Das unidades da Federação, em 20 houve encerramento líquido. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com decréscimo de 9.519 oportunidades ocupacionais, ocupou a vigésima posição, treze abaixo da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, cinco obtiveram resultado negativo. A Bahia ficou com o segundo pior desempenho regional, enquanto Pernambuco (-14.136 postos) e Alagoas (+2.238 postos) exibiram o menor e o maior saldo do Nordeste no período, respectivamente.

Quanto à distribuição intraestadual, no quarto trimestre deste ano, apenas a Região Metropolitana de Salvador (RMS) experimentou surgimento líquido de vagas – diferentemente do ocorrido um ano antes, quando tanto RMS quanto interior exibiram encerramento líquido de vagas (Tabela 2). Enquanto na primeira região foram gerados 1.633 empregos com registro em carteira, na segunda o resultado foi de 11.152 postos a menos – números superiores aos do mesmo intervalo do ano anterior. Em relação ao trimestre imediatamente antecedente, quando oportunidades despontaram em ambas as localidades do estado, o quadro atual se mostrou bem inferior

Ao longo de 2018, a criação de empregos formais na Bahia (+28.621 postos) foi avalizada principalmente pelo desempenho do interior (+18.253 postos), já que a RMS (+10.368 postos) registrou um ganho líquido de postos menos expressivo. Tal resultado serviu para realçar o protagonismo daquela região na geração de vagas no estado e, ao mesmo tempo, sinalizar a edificação de uma dinâmica própria do mercado de trabalho no interior. A área metropolitana se manteve, dessa forma, como entrave a um dinamismo mais contundente do mercado de trabalho formal em território baiano neste ano.

Tabela 2
Saldo de empregos formais entre RMS e interior, por trimestre – 4º tri. 2017/3º tri. 2018/4º tri. 2018

Área geográfica	4º tri. 2017	3º tri. 2018	4º tri. 2018
Bahia	-12.051	15.375	-9.519
RMS	-458	9.200	1.633
Interior	-11.593	6.175	-11.152

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

A RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

O saldo negativo de 9.519 empregos formais na Bahia, observado no quarto trimestre, foi proveniente de 137.603 admissões e 147.122 desligamentos. Do trimestre imediatamente antecedente a este, as admissões recuaram e os desligamentos aumentaram – aquelas em 10,1% (15.433 admitidos a menos) e estes em 6,9% (9.461 desligados a mais). O recuo das contratações associado ao aumento dos desligamentos, ambos em magnitudes moderadas, ajuda a entender a ocorrência de um resultado negativo relativamente comedido no trimestre recente.

O montante de desligados no último trimestre do ano foi o segundo menor para um quarto trimestre de 2010 para cá, próprio de um contexto com estoque de empregos em níveis ainda historicamente baixos, que por si só confere certa rigidez aos desligamentos involuntários e voluntários, e de um percurso de restabelecimento. Assim, o número desidratado de admitidos neste trimestre, ainda mais distante dos maiores registros do período recente, sinaliza que o

grande obstáculo para uma sólida alavancagem do mercado de trabalho baiano se encontra mais relacionado com a dificuldade em se alocar e realocar do que com a de se manter em uma vaga.

Conforme a Tabela 3, houve recuo na maioria das formas de movimentação no mercado de trabalho baiano no quarto trimestre de 2018². A queda nas admissões ecoou o recuo em todas as formas de contratação, enquanto a alta nos desligamentos foi puxada principalmente pelos crescimentos verificados nas demissões sem justa causa, nos desligamentos por término de contrato e nas extinções de contrato de prazo determinado.

No campo das admissões, o reemprego³, tipo de contratação mais comum no referido mercado recuou 10,0% na comparação com o trimestre antecedente. Quanto aos desligamentos, a demissão sem justa causa, forma mais habitual de findar uma relação empregatícia, apresentou crescimento, alta de 2,3%. Entre todas as categorias, em termos relativos, os desligamentos por término de contrato (+32,7%) e os termos de contrato por prazo de terminado (+26,0%) exibiram as maiores altas de um trimestre ao outro. Na outra ponta, os desligamentos por aposentadoria (-34,6%) e as admissões por reintegração (-34,2%) apresentaram os recuos de maior magnitude.

Tabela 3

Comportamento do mercado de trabalho formal por tipo de movimentação no quadro de empregados, por trimestre – Bahia – 3º tri. 2018/4º tri. 2018

Tipo mov. desagregado	3º tri. 2018	4º tri. 2018	Varição
Admissão por Reemprego	126.603	113.998	-10,0%
Contrato Trabalho Prazo Determinado	12.438	11.737	-5,6%
Admissão por Primeiro Emprego	13.793	11.735	-14,9%
Admissão por Reintegração	202	133	-34,2%
Admissão por Transferência	0	0	-
Total de Admissões	153.036	137.603	-10,1%
Desligamento por Transferência	0	0	-
Desligamento por Aposentadoria	159	104	-34,6%
Desligamento por Morte	548	447	-18,4%
Desligamento por Demissão com Justa Causa	1.055	968	-8,2%
Desligamento por Acordo Empregado e Empregador	1.182	1.027	-13,1%
Término Contrato Trabalho Prazo Determinado	5.060	6.376	26,0%
Desligamento a Pedido	17.283	17.033	-1,4%
Desligamento por Término de Contrato	20.313	26.954	32,7%
Desligamento por Demissão sem Justa Causa	92.061	94.213	2,3%
Total de Desligamentos	137.661	147.122	6,9%
Saldo (Admissões - Desligamentos)	15.375	-9.519	-

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Excetuando-se o saldo do último mês, os demais dados contam com o ajuste das declarações realizadas fora do prazo.

De outubro a dezembro, derivado do resultado negativo no agregado, o fechamento líquido de vagas aconteceu em quase todos os estratos de remuneração (Gráfico 3). A captação líquida de trabalhadores somente se deu para os postos que pagavam menos, a faixa de até um salário mínimo – sendo que o resultado positivo nesta não foi suficiente para suplantar o somatório dos saldos negativos nas demais. Por outro lado, assim como no último trimestre de 2017 e pela primeira vez no ano, o maior corte líquido de vínculos ocorreu na classe delimitada por um e

2 O desligamento por acordo se trata de uma nova categoria de movimentação criada pela mais recente reforma trabalhista (Lei nº 13.467/17), cuja vigência teve início no dia 11 de novembro de 2017.

3 Reempregado é aquele que já havia exercido ocupação formal no mercado de trabalho anteriormente.

dois salários mínimos – diferentemente, portanto, do sucedido nos demais intervalos do ano, cujos destaques negativos foram as faixas de dois a cinco, no primeiro e segundo trimestres, e de dez ou mais no terceiro trimestre.

Do terceiro ao quarto trimestre deste ano, houve retrocesso em todas as camadas, ou seja, o saldo de postos de trabalho recuou em todos os estratos de valor. Nesse aspecto, de um intervalo ao outro, a categoria dos que receberam de um a dois salários mínimos foi a que mais retrocedeu. No outro extremo, o grupo dos que receberam dez ou mais salários mínimos foi o que menos desidratou em termos de saldo.

Diferentemente do trimestre antecedente, quando a abertura líquida de postos foi observada em três dos cinco níveis de remuneração, no trimestre mais recente, como se destacou, aconteceu apenas em um. A tática em disponibilizar oportunidades para as ocupações com as mais baixas remunerações, adotada pelas empresas como forma de evitar o avanço dos custos, parece ter sido acentuada no quarto trimestre, já que se restringiu apenas àquelas na faixa de até um salário mínimo, conduta condizente com um panorama de retomada econômica lenta e incerta.

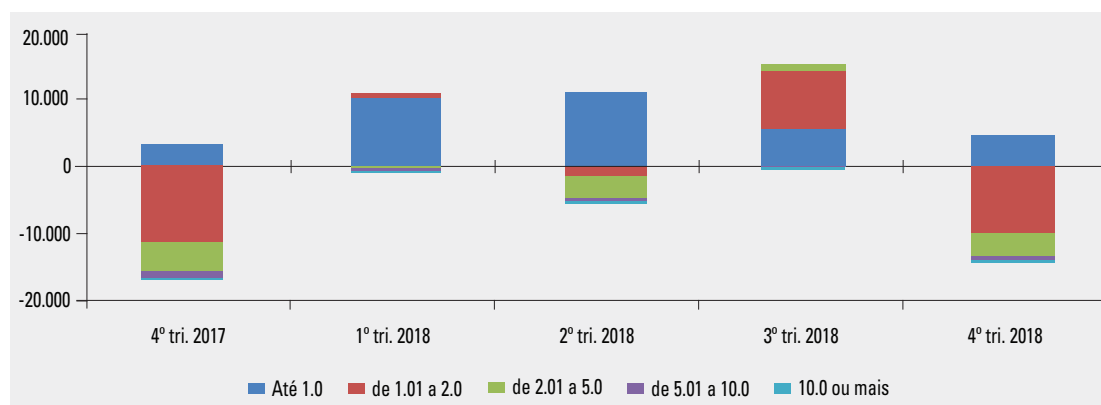


Gráfico 3

Evolução trimestral do saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo – Bahia – 4º tri. 2017-4º tri. 2018

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

As informações trabalhadas não contemplam as declarações fora do prazo.

O salário real médio de admissão, na Bahia, chegou a R\$ 1.319 no quarto trimestre de 2018 – inferior em R\$ 210 em relação ao do país, de R\$ 1.529. Trata-se da menor quantia do ano. Em relação ao intervalo de julho a setembro deste ano, quando alcançou R\$ 1.364, houve recuo aproximado de 3,3%. Na comparação interanual, ocorreu uma queda de 2,7% – já que, à época, o valor havia sido de R\$ 1.355. A evolução trimestral deste importante indicador pode ser acompanhada pelo Gráfico 4.

A remuneração média dos trabalhadores admitidos manteve o movimento de vaivém e, após aumento no período imediatamente anterior, voltou a recuar no trimestre mais recente. O salário real médio de desligamento, por sua vez, regrediu pela quinta vez seguida – ficando abaixo dos registrados no período sob análise. A diferença relativa entre o salário real médio dos desligados e admitidos, no quarto trimestre, aumentou em relação a do trimestre anterior e diminuiu comparativamente a do mesmo trimestre de 2017. Enquanto no intervalo mais atual, o trabalhador admitido recebeu, em média, 91,9% do recebido pelo trabalhador desligado, no trimestre precedente e no quarto de 2017, esses percentuais foram de 94,7% e 90,5%, respectivamente – denotando, ao menos quanto ao terceiro trimestre, redução do preço de rotatividade da mão de obra na Bahia.

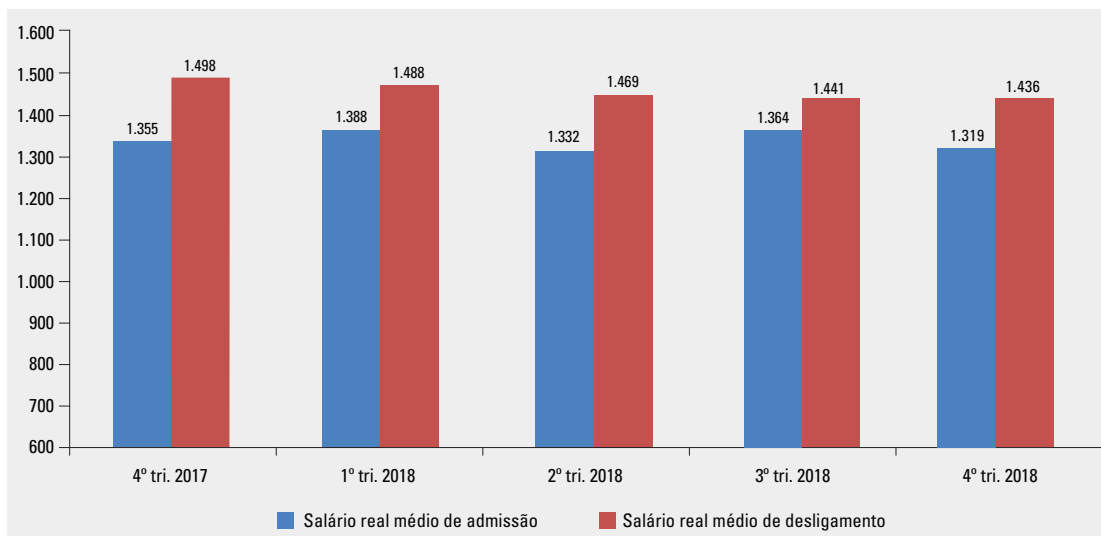


Gráfico 4

Salário real médio de admissão e de desligamento por trimestre – Bahia – 4º tri. 2017-4º tri. 2018

Fonte: Ministério do Trabalho (MTb) - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

Notas: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Dados deflacionados em relação a dezembro de 2018 pelo IPCA.

MERCADO DE TRABALHO NA BAHIA SEGUNDO A PNAD CONTÍNUA

No quarto trimestre de 2018, na Bahia, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, sintetizados na Tabela 4, a desocupação atingiu 17,4% da população na força de trabalho. O resultado em questão representou a terceira maior taxa trimestral de desocupação desde o início da pesquisa, mas a maior quando se volta apenas aos registros dos quartos trimestres⁴. A média anual, dessa maneira, atingiu o mais alto nível já registrado na série, 17,0%. No contexto brasileiro, a taxa foi de 11,6% no referido trimestre, o décimo maior valor desde o princípio da série no caso.

No último trimestre de 2018, diferentemente do verificado nos outros três, a taxa trimestral de desocupação se mostrou maior que sua correspondente no ano imediatamente anterior (Gráfico 5). Após duas quedas em sequência, a taxa de desocupação no estado sofreu guinada altista e interrompeu o movimento declinante, fazendo desse revés uma preocupação perante a perspectiva de reabilitação. Em 2018, do primeiro ao segundo trimestre e deste ao terceiro, quando passou de 17,9% para 16,5% e, em seguida, para 16,2%, a taxa havia diminuído 1,4 e 0,3 ponto percentual, respectivamente. Agora, em relação ao trimestre imediatamente antecedente, a taxa subiu 1,2 ponto percentual. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2017, quando o indicador foi estimado em 15,0%, também houve crescimento, com a taxa do último trimestre de 2018 ficando 2,4 pontos percentuais acima.

4 A PNAD Contínua foi implantada em caráter definitivo em janeiro de 2012.

A Bahia persistiu com uma taxa de desocupação superior às do Brasil (11,6%) e do Nordeste (14,4%) no quarto trimestre de 2018. A Região Nordeste, por sinal, permaneceu com a mais alta taxa entre as regiões brasileiras, ficando a Região Sul com a menor (7,3%). Entre as unidades da federação, a Bahia exibiu a segunda mais elevada – no trimestre imediatamente antecedente, havia sido a quinta. Enquanto isso, Amapá (19,6%) foi o estado com a maior taxa de desocupação no período, e Santa Catarina (6,4%), aquele com a menor.

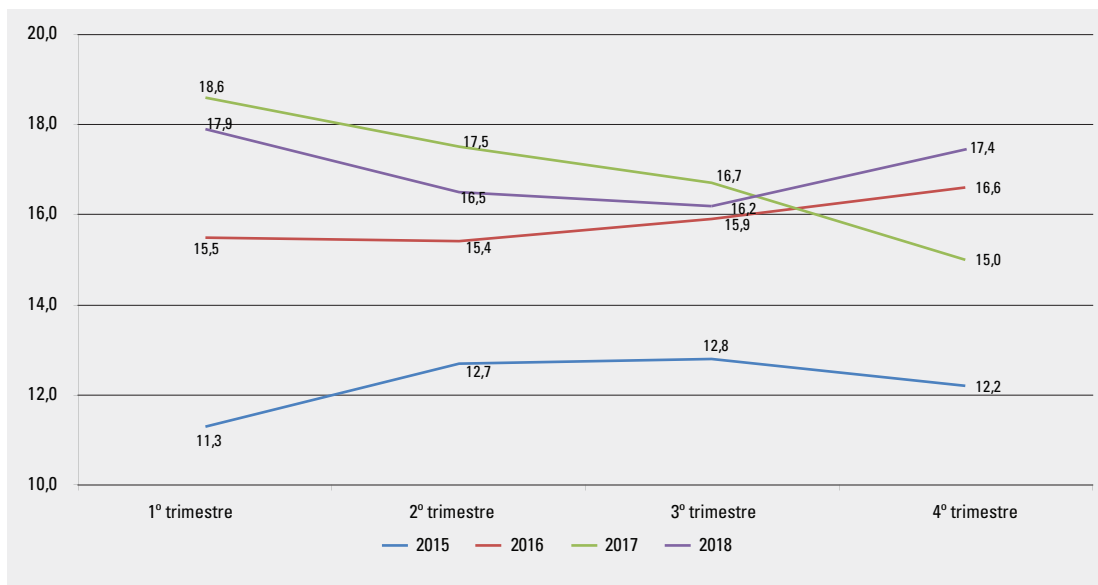


Gráfico 5
Taxa trimestral de desocupação – Bahia – 2015-2018

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) – IBGE.
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Além da alta da taxa trimestral de desocupação, o percentual de pessoas de 14 anos ou mais de idade ocupadas em território baiano diminuiu no comparativo com os trimestres de referência. No quarto trimestre deste ano, o nível da ocupação chegou a 48,2%, ao passo que havia sido de 50,0% e 48,9% no quarto trimestre de 2017 e no trimestre imediatamente anterior, respectivamente. A taxa de participação, por sua vez, manteve-se estável, permanecendo em 58,4% no intervalo mais recente⁵.

No trimestre analisado, a população ocupada foi estimada em 5,982 milhões, representando queda de 2,6% (-159 mil pessoas) em referência ao montante existente no mesmo período do ano passado e de 1,8% (-112 mil) quando confrontada com a do trimestre imediatamente anterior. A população desocupada foi estimada em 1,258 milhão de indivíduos – avanço de 7,1% frente à do terceiro trimestre de 2018 e de 16,2% em relação à do mesmo trimestre de um ano antes. Em relação ao registrado há um ano, a elevação de 175 mil pessoas no contingente de desocupados esteve relacionada com a redução de 159 mil postos de trabalho num patamar abaixo dos 16 mil indivíduos que ingressaram na força de trabalho.

Assim como houve alta da taxa de desocupação em um ano, a taxa composta da subutilização da força de trabalho na Bahia também aumentou, passando de 37,7% para 39,6% do quarto

⁵ A taxa de participação se refere ao percentual de pessoas na força de trabalho em relação às pessoas em idade de trabalhar, enquanto o nível da ocupação diz respeito ao percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar.

trimestre de 2017 para o trimestre mais recente, respectivamente – um aumento, portanto, de 1,9 ponto percentual e o quarto maior percentual da série⁶. Em um ano, a Bahia se manteve com a segunda maior taxa de subutilização entre as unidades federativas. No território nacional, a taxa ficou em 23,9% no período retratado. Em relação ao terceiro trimestre deste ano, quando o referido indicador registrou 38,5%, a majoração foi de 1,1 ponto percentual. Atualmente, 3,310 milhões de pessoas de 14 anos ou mais se encontram na condição de subutilizadas na Bahia.

O montante de desalentados no quarto trimestre deste ano em terras baianas foi de 804 mil pessoas, terceiro maior registro da série⁷. Além do aumento de 141 mil pessoas (+21,3%) nessa condição em um ano, houve elevação de dez mil (+1,3%) quando se leva em consideração o terceiro trimestre de 2018. Trata-se do maior contingente populacional de desalentados do país, constatação que se repete desde o início da pesquisa. Atualmente, a Bahia concentra 17,1% da população desalentada brasileira. O percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada no estado ficou em 10,0% no quarto trimestre de 2018.

Considerando os grupamentos de atividade econômica, após um ano, o número de pessoas ocupadas recuou na maior parte dos setores, em oito do total de dez. No caso, a redução do nível de emprego foi maior em *Outros serviços*⁸ (-9,2%); *Indústria geral* (-7,2%); *Serviços domésticos* (-6,5%); e *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (-6,4%); e, relativamente menor, em *Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais* (-1,4%); *Transporte, armazenagem e correio* (-1,1%); *Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas* (-0,6%); e *Construção* (-0,4%). Em compensação, a ocupação cresceu nos setores *Alojamento e alimentação* (+5,1%); e *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (+2,9%).

Com base na PNADC, o rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no quarto trimestre de 2018, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.575 – o segundo maior registro de toda a série. Em relação ao último trimestre de 2017, quando o rendimento médio real estava em R\$ 1.578, houve recuo de 0,2%, e num comparativo com o do trimestre anterior, cujo valor estava em R\$ 1.539, a variação foi positiva, de 2,3%. A massa de rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas ocupadas, foi estimada em R\$ 9,122 bilhões – expansão de 0,8% frente à do trimestre imediatamente antecedente, de R\$ 9,047 bilhões, e retração de 2,3% num comparativo com a do mesmo trimestre do ano passado, cujo valor havia sido de R\$ 9,336 bilhões.

6 A taxa composta da subutilização da força de trabalho retrata a relação entre o grupo dos desocupados, subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e força de trabalho potencial e o grupo delimitado pela força de trabalho ampliada (que é a soma da força de trabalho com a força de trabalho potencial).

7 Os desalentados são aqueles fora da força de trabalho que estavam disponíveis para assumir um trabalho, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por pelo menos uma das seguintes razões: a) não ter conseguido trabalho adequado; b) não ter experiência profissional ou qualificação; c) não haver trabalho na localidade; ou d) por ser considerado muito jovem ou idoso.

8 O grupamento ocupacional Outros serviços, baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas Domiciliar, engloba três seções: Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

Tabela 4

Síntese das principais informações da PNAD Contínua – Bahia – 4º tri. 2017/3º tri. 2018/4º tri. 2018

Indicador	Estimativa			Variação	
	4º tri. 2017	3º tri. 2018	4º tri. 2018	4º tri. 2018/ 4º tri. 2017	4º tri. 2018/ 3º tri. 2018
Taxa de desocupação	15,0%	16,2%	17,4%	2,4 p.p.	1,2 p.p.
Nível da ocupação	50,0%	48,9%	48,2%	-1,8 p.p.	-0,7 p.p.
Taxa de participação na força de trabalho	58,8%	58,4%	58,4%	-0,4 p.p.	0,0 p.p.
Taxa composta de subutilização da força de trabalho	37,7%	38,5%	39,6%	1,9 p.p.	1,1 p.p.
Taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas	15,7%	15,3%	15,7%	0,0 p.p.	0,4 p.p.
Percentual de desalentados (1)	8,4%	9,8%	10,0%	1,6 p.p.	0,2 p.p.
População em idade de trabalhar	12.285 mil	12.456 mil	12.402 mil	1,0%	-0,4%
População na força de trabalho	7.224 mil	7.269 mil	7.240 mil	0,2%	-0,4%
Ocupada	6.141 mil	6.094 mil	5.982 mil	-2,6%	-1,8%
Subocupada por insuficiência de horas trabalhadas	962 mil	934 mil	940 mil	0,6%	-2,3%
Desocupada	1.083 mil	1.175 mil	1.258 mil	16,2%	7,1%
População fora da força de trabalho	5.060 mil	5.187 mil	5.162 mil	-0,5%	2,0%
Na força de trabalho potencial	1.084 mil	1.117 mil	1.112 mil	2,6%	-0,4%
Desalentada	663 mil	794 mil	804 mil	21,3%	1,3%
População subutilizada	3.128 mil	3.226 mil	3.310 mil	5,8%	2,6%
Rendimento médio real habitual (em reais)	R\$ 1.578	R\$ 1.539	R\$ 1.575	-0,2%	2,3%
Massa de rendimento real (em milhões de reais)	R\$ 9.336	R\$ 9.047	R\$ 9.122	-2,3%	0,8%

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) – IBGE.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes, 2019.

(1) Trata-se do percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada.

MERCADO DE TRABALHO NA RMS SEGUNDO A PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO

As informações captadas pela Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Salvador (PEDRMS) – realizada pela SEI, em parceria com a Setre, a Fundação Seade e o Dieese – mostram uma redução da taxa de desemprego total entre o terceiro e o quarto trimestre de 2018. A taxa evoluiu nesse período de 26,7% para os atuais 25,4% (Gráfico 6). O contingente de desempregados foi estimado em 511 mil pessoas, o de ocupados em 1.503 mil e a População Economicamente Ativa (PEA) em 2.014 mil (Tabela 5). No trimestre em análise, a taxa de participação – indicador que estabelece a proporção de pessoas com 10 anos ou mais presentes no mercado de trabalho como ocupadas ou desempregadas – foi estimada em 58,3%.

A redução da taxa de desemprego total em relação ao terceiro trimestre do ano ocorreu, principalmente, devido a evolução da PEA, que sofreu uma redução de 25 mil pessoas (-1,2%), combinada com o modesto desempenho da ocupação, que ficou relativamente estável com o acréscimo de 8 mil postos de trabalho (variação de 0,5%). Com a saída de pessoas do mercado de trabalho e a evolução da ocupação, o número de desempregados diminuiu em 33 mil, ou seja, recuou 6,1%.

Contudo, a análise do comportamento da taxa de desemprego total da RMS em relação ao mesmo trimestre do ano anterior relativiza o resultado positivo apresentado pela evolução em relação ao trimestre anterior. A taxa de desemprego total cresceu entre o final de 2017 e o de 2018, passando de 23,8% para 25,4%. O número de pessoas na condição de desempregadas aumentou em 41 mil, como resultado do acréscimo de 39 mil pessoas à PEA e da redução de 2 mil postos de trabalho no período.

Em relação aos componentes, a evolução da taxa de desemprego total entre o terceiro e o quarto trimestres combinou redução do desemprego aberto, de 18,2% para 16,7%, com pequeno aumento do desemprego oculto de 8,4% para 8,7%, respectivamente. Entre o quarto trimestre de 2017 e o de 2018, a taxa de desemprego aberto reduziu 2,9% (de 17,2% para 16,7%) enquanto a de desemprego oculto aumentou 33,8%. Convém destacar, o crescimento do desemprego oculto ocorreu de modo contínuo em todos os trimestres do ano, saltando de 6,5%, no último trimestre de 2017, para 8,7% no trimestre mais recente.

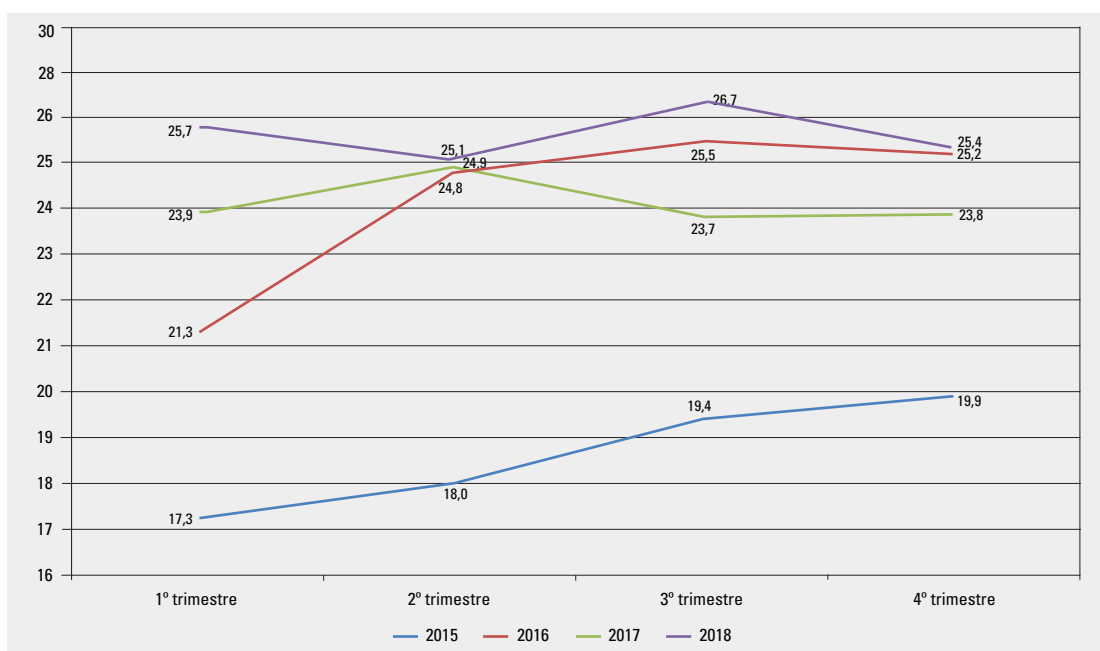


Gráfico 6
Taxa trimestral de desemprego total – RMS – 2015-2018

Fonte: PEDRMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

O nível de ocupação da RMS ficou relativamente estável entre o terceiro e o quarto trimestres de 2018 (+0,5% ou acréscimo de 8 mil postos). Houve aumento do número de trabalhadores na *Indústria de transformação* (+6,6% ou 7 mil trabalhadores a mais) e nos *Serviços* (+2,2% ou aumento de 21 mil postos) e reduções na *Construção* (-1,0% ou 1 mil postos a menos) e no *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (-3,9% ou redução de 12 mil postos).

Em face aos resultados do mesmo trimestre do ano anterior, o quarto trimestre de 2018 mostra estabilidade no nível de ocupação (redução de 0,1% ou 2 mil postos a menos). Entre os setores de atividade, houve crescimento no segmento dos *Serviços* (+3,3% ou 31 mil postos a mais). Na *Construção*, houve redução de 8,2% no nível de emprego, eliminando 9 mil posições de trabalho; no *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas*, a diminuição do contingente de trabalhadores correspondeu a um recuo de 7,0% da ocupação ou 22 mil postos a menos; e na *Indústria de transformação* desapareceram 0,9% ou 1 mil postos.

Quanto ao vínculo ou relação de trabalho, a estabilidade da ocupação entre o terceiro e o quarto trimestres de 2018 esteve relacionado com a estabilidade do trabalho *Assalariado*, cujo contingente não se alterou, o aumento do trabalho *Autônomo* (+1,2% ou surgimento de 4 mil postos) e a redução do *Emprego doméstico* (-5,0% ou 6 mil ocupações a menos). Entre os *Assalariados*, houve estabilidade do emprego no setor privado (+0,1% ou acréscimo de 1 mil postos) e decréscimo no setor público (-2,9% ou diminuição de 4 mil postos). No setor privado, houve estabilidade do emprego protegido pela carteira de trabalho assinada (-0,1% ou 1 mil postos a menos) e aumento do trabalho assalariado sem carteira assinada (+1,8% ou 2 mil postos a mais). Essa evolução replica o quadro de deterioração das relações de trabalho ocorrida nos últimos anos.

A análise em relação ao quarto trimestre do ano anterior mostra que os contingentes de *Assalariados* e de *Empregados domésticos* não se alteraram e o de trabalhadores *Autônomos* diminuiu 6,6% ou 23 mil postos de trabalho. Entre os *Assalariados*, houve relativa estabilidade tanto no setor privado (+0,1% ou 1 mil postos a mais) quanto no setor público (-0,7% ou 1 mil postos a menos). No setor privado, houve perdas nas posições com carteira assinada (-1,9% ou 14 mil empregos a menos) e aumento de postos sem carteira assinada (+15,2% ou acréscimo de 15 mil empregados).

O rendimento médio real dos ocupados da RMS em novembro de 2018⁹ foi calculado em R\$ 1.570, superior, portanto, aos valores reais recebidos no terceiro trimestre (+4,4%). Os assalariados receberam em média R\$ 1.548, valor inferior ao obtido no terceiro trimestre (-1,0%).

Nesse período, a massa de rendimentos do trabalho cresceu 4,6%, em razão, principalmente, do aumento do rendimento do trabalho, já que o nível de ocupação ficou relativamente estável (+0,3%). A massa de rendimentos dos assalariados ficou estável em função do crescimento do emprego (+1,0%) ter sido anulado pela redução do nível de rendimento (-1,0%).

Entre o último mês de novembro e o último trimestre de 2017, o rendimento médio real aumentou para ocupados (+10,8%) e ficou estabilizado para os assalariados (+0,5%). Houve crescimento da massa de rendimentos dos ocupados (+10,4%) muito mais intenso que o da massa de rendimentos dos assalariados (+1,6%). No primeiro caso, o aumento da massa de rendimentos adveio do crescimento do rendimento médio real e, no segundo caso, o aumento esteve mais relacionado com a pequena melhoria do nível de emprego.

9 No momento de conclusão desse texto, os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego relativos aos rendimentos do trabalho no quarto trimestre de 2018 ainda não estavam disponíveis. A análise reporta, portanto, aos valores recebidos em novembro de 2018.

Tabela 5

Síntese das principais informações da PED para RMS – 4º tri. 2017/3º tri. 2018/4º tri. 2018

Indicador	Estimativa			Variação	
	4º tri. 2017	3º tri. 2018	4º tri. 2018	4º tri. 2018/ 4º tri. 2017	4º tri. 2018/ 3º tri. 2018
Taxa de desemprego total	23,8%	26,7%	25,4%	1,6 p.p.	-1,3 p.p.
Taxa de desemprego aberto	17,2%	18,2%	16,7%	-0,5 p.p.	-1,5 p.p.
Taxa de desemprego oculto	6,5%	8,4%	8,7%	2,2 p.p.	0,3 p.p.
Taxa de participação	58,2%	59,3%	58,3%	0,1 p.p.	-1,0 p.p.
População em idade ativa	3.393 mil	3.438 mil	3.454 mil	1,8%	0,5%
População economicamente ativa	1.975 mil	2.039 mil	2.014 mil	2,0%	-1,2%
População desempregada	470 mil	544 mil	511 mil	8,7%	-6,1%
População ocupada	1.505 mil	1.495 mil	1.503 mil	-0,1%	0,5%
<i>Setor de atividade (1)</i>					
Indústria de transformação	114 mil	106 mil	113 mil	-0,9%	6,6%
Construção	110 mil	102 mil	101 mil	-8,2%	-1,0%
Comércio (2)	315 mil	305 mil	293 mil	-7,0%	-3,9%
Serviços	938 mil	948 mil	969 mil	3,3%	2,2%
<i>Posição na ocupação</i>					
Assalariados	957 mil	957 mil	957 mil	0,0%	0,0%
Setor privado	821 mil	821 mil	822 mil	0,1%	0,1%
Com carteira	722 mil	709 mil	708 mil	-1,9%	-0,1%
Sem carteira	99 mil	112 mil	114 mil	15,2%	1,8%
Setor público	135 mil	138 mil	134 mil	-0,7%	-2,9%
Autônomos	348 mil	321 mil	325 mil	-6,6%	1,2%
Empregados domésticos	114 mil	120 mil	114 mil	0,0%	-5,0%
Inativos com mais de 10 anos	1.418 mil	1.399 mil	1.440 mil	1,6%	2,9%
Rendimento médio real dos ocupados (3)	R\$ 1.419	R\$ 1.507	R\$ 1.570	10,6%	4,2%
Salário médio real dos assalariados (3)	R\$ 1.544	R\$ 1.566	R\$ 1.548	0,3%	-1,1%

Fonte: PED-RMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

Notas: 1 Não estão incluídos "outros setores" e "setores não identificados".

2 Na íntegra, a nomenclatura do referido setor de atividade é Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas.

3 Os dados de rendimento, investigados em cada mês, referem-se ao mês imediatamente anterior e, portanto, têm sempre esta defasagem em relação às demais informações da pesquisa. Dessa forma, por tal limitação, o valor do quarto trimestre de 2018 se reporta aos valores recebidos em novembro de 2018. Inflator utilizado: IPC-SEI; valores em reais de novembro de 2018.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas empresariais de diversos setores sobre os mais variados temas, dentre os quais a inclinação à contratação futura de trabalhadores. Construído a partir das respostas dos empresários em relação aos planos de abrir, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE),

finalmente, assumiu um valor positivo – isso após 59 meses, de dezembro de 2013 a outubro de 2018, com valor abaixo de zero. Após outubro, com -94 pontos, já são dois meses indicando otimismo: novembro, com 25 pontos; e dezembro, com 43 pontos. Um avanço considerável comparativamente ao trimestre antecedente. O IEE, ao final do trimestre, portanto, ascendeu ao maior patamar desde abril de 2013 – sugerindo, assim, significativa mudança de orientação quanto à retomada das contratações no curto prazo.

A alta do indicador quanto ao emprego em relação ao término do trimestre antecedente, no entanto, não se deu de forma generalizada (Gráfico 7). Entre as atividades, o setor de Serviços indicou queda. A Agropecuária, a Indústria e o Comércio, por outro lado, apontaram um ambiente relativamente mais satisfatório das expectativas ao fim do trimestre mais recente. Nesse contexto, o setor de Serviços terminou com o pior dos indicadores e o de Indústria revelou as melhores percepções em relação às contratações futuras. Importante destacar, nesse quesito, o pessimismo foi a tônica de apenas um setor: Serviços.

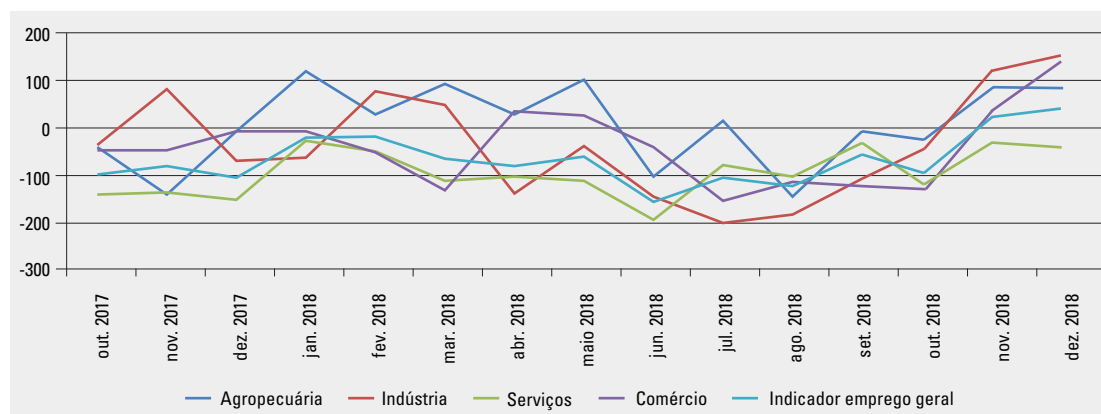


Gráfico 7
Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego por setor de atividade – Bahia – Out. 2017-dez. 2018

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Analisando-se o nível esperado de futuras contratações, 55,3% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores; 26,5% cogitaram a possibilidade de contratar; e 18,1% dos entrevistados afirmaram que pretendem promover o desligamento de empregados. Pontualmente, houve uma alteração de suma importância na passagem de um intervalo ao outro: a proporção de empresas com intenção em estender o quadro de pessoal superou, depois de dois trimestres seguidos, a proporção das que preveem comprimir.

Mesmo sem significar um resultado formidável, os sinais alimentam a esperança por uma recuperação do mercado de trabalho. Conforme o Gráfico 8, o intento do setor produtivo baiano de enxugar o quadro de funcionários recuou após duas altas em sequência, regressando ao patamar do início do ano. O fito de admitir, por sua vez, aumentou após dois recuos consecutivos, mais que dobrando em três meses – alcançando um percentual há muito não registrado. De resto, a perspectiva empresarial em manter o quantitativo de empregados continua bastante elevada, apesar da terceira queda sucessiva.

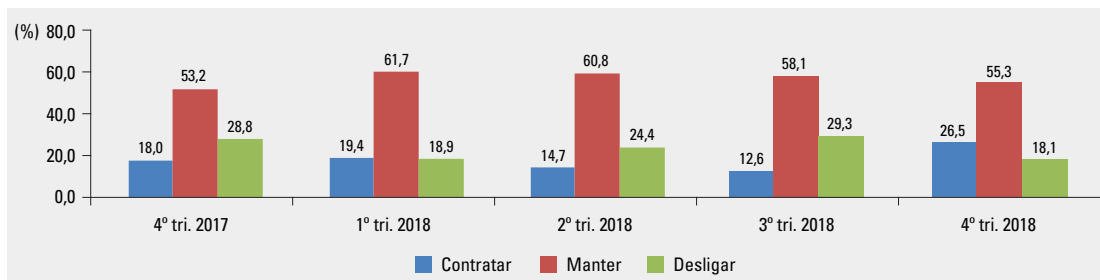


Gráfico 8
Percentual de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 4º tri. 2017-4º tri. 2018

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Projeção do emprego formal

De acordo com a projeção realizada pela SEI, o mercado de trabalho baiano retomará seu processo de recuperação no primeiro trimestre de 2019, com geração prevista de 9.844 postos (Tabela 6). Tal resultado, caso se concretize, será a segunda vez consecutiva com expansão do mercado de trabalho celetista baiano logo no início do ano – isso após três anos em sequência exibindo cenário de atrofia no primeiro trimestre, nos anos de 2015, 2016 e 2017.

No caso de tal expectativa se confirmar, o resultado líquido de empregos com carteira assinada no intervalo em questão, implicará certo desapontamento, pois ficará abaixo do saldo edificado no primeiro trimestre do ano passado. Numa comparação entre primeiros trimestres, no entanto, representará o segundo melhor desde o registrado em 2015, quando houve perda líquida de 5.835 vínculos de trabalho celetistas. Dessa maneira, tal projeção não enfraquece a tese de que um processo de recuperação se encontra em curso no estado.

A eclosão líquida de empregos com carteira assinada esperada para o primeiro trimestre de 2019 deverá ocorrer em sete dos oito grupamentos de atividades, sendo influenciada, principalmente, pelo comportamento dos setores de Serviços (+5.406 postos de trabalho), Construção Civil (+2.850 postos) e Agropecuária (+1.655 oportunidades). Por outro lado, Comércio (-2.857 empregos celetistas) tende a se caracterizar como o único contrapeso. As demais projeções podem ser visualizadas na tabela abaixo.

Tabela 6
Projeção do saldo de empregos formais por setor de atividade econômica – Bahia – 1º tri. 2019

Sector de atividade econômica	Saldo projetado
Extrativa Mineral	370
Indústria de Transformação	381
Serviços Industriais de Utilidade Pública	810
Construção Civil	2.850
Comércio	-2.857
Serviços	5.406
Administração Pública	1.229
Agropecuária	1.655
Total	9.844

Fonte: SEI/Dipeq/Copes, 2019.

Nota: O saldo projetado pela SEI conta com dados atualizados até novembro de 2018.

O saldo líquido projetado pela SEI para os próximos três meses na Bahia, caso se confirme, trará certo desapontamento – já que ficará aquém do de um ano antes. Ainda que não prejudique o entendimento de que o mercado de trabalho vem experimentando avanços, um resultado assim poderá gerar alguma preocupação e fragilizar o juízo de que a recuperação do emprego no estado possa alcançar consistência e vigor. Por outro lado, o recuo último do pessimismo, sancionando o nível de confiança do empresariado baiano num patamar melhor que o de outros tempos, passa a se constituir num ingrediente favorável. De qualquer forma, a percepção no momento continua sendo a de que o mercado de trabalho local, mesmo seguindo o curso da reabilitação, provavelmente, não deverá manifestar muita vitalidade.

NOTAS METODOLÓGICAS

PESQUISA DE CONFIANÇA DO EMPRESARIADO BAIANO

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: Grande Pessimismo, de -1.000 a -500; Pessimismo, de -500 a -250; Pessimismo Moderado, de -250 a zero; Otimismo Moderado, de zero a 250; Otimismo, de 250 a 500; e Grande Otimismo, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB



PROJEÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL

As projeções do mercado de trabalho formal são construídas com base na metodologia de séries temporais. As estimativas são feitas para o número de admitidos e de desligados de cada um dos oito setores de atividade econômica. O saldo previsto para cada segmento será a diferença entre as admissões e os desligamentos projetados. O saldo geral, enfim, será o somatório dos saldos supostos para cada atividade.

O tratamento dado a determinado setor no processo de previsão depende de o mesmo ser considerado de menor ou maior impacto na dinâmica do mercado de trabalho local. O grupo de menor influência incorpora as atividades de Extrativa Mineral, Serviços Industriais de Utilidade Pública e Administração Pública. O de maior peso engloba Indústria de Transformação, Construção Civil, Comércio, Serviços e Agropecuária.

As séries do número de admissões e de desligamentos do setor, obtidas pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), são incluídas no procedimento de projeção independentemente do peso do segmento. O uso de variáveis explicativas, no entanto, somente ocorre para aquelas atividades apontadas como de maior impacto.

Para conceber tais previsões são utilizados o algoritmo de alisamento exponencial de Holt-Winters e a metodologia de Box-Jenkins com os modelos sazonais auto regressivos integrados de médias móveis (SARIMA) e sua extensão (SARIMAX). A adoção do modelo SARIMAX é para permitir a inclusão de variáveis explicativas.

